

Franklin W. Goldgrub

*Carlos Eduardo Carvalho Freire**

*Hélio Roberto Deliberador***

Este texto em homenagem ao Professor Dr. Franklin Winston Goldgrub atende à solicitação da editora e do conselho executivo da Psicologia Revista, intermediados pela chefia do Departamento de Psicodinâmica da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde da PUCSP, ao qual o professor se filiava.

É experimentando sentimentos opostos – alegria em recordar a biografia do amigo querido e tristeza por sua perda recente – que procuramos atender essa solicitação.

Franklin faleceu no início da noite de quarta feira, dia 24/06/2015, após um ano – muito difícil – em que sofreu várias hospitalizações em virtude de sérias complicações cardiovasculares. No dia seguinte foi enterado no Cemitério Judaico de Embu, escolhido por ele mesmo, em função das árvores e plantas que lá encontramos. O professor tinha, sobre seu caixão, a bandeira de Israel, sinal de sua dedicação e compromisso com o estado e cultura judaica.

Nasceu no Recife, em 01 de setembro de 1943, descendente de família polonesa que veio para o Brasil em virtude das perseguições aos judeus na Segunda Guerra. Ainda na infância, Franklin mora durante alguns anos em Buenos Aires, Argentina. Esta estadia deixou-lhe como legado o domínio perfeito do idioma espanhol e seu time do coração: San Lorenzo. Algum tempo depois volta ao Brasil, residindo com seu pai em São Paulo. Aos doze anos, retorna à Argentina, indo morar com sua irmã mais velha.

* Professor do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Ciência Humanas e da Saúde da PUCSP.

** Professor do Departamento de Psicologia Social da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUCSP.

No início dos anos sessenta deixa novamente a Argentina, indo morar no Rio de Janeiro. Nessa ocasião participa de encontros entre jovens músicos e intelectuais que se reuniam no Mourisco para apresentar suas canções e discutir os mais variados temas. Aí travou contato com artistas da música popular brasileira. É dessa época, a gravação que Nara Leão faz de *Ana Vai Embora*, uma composição de Frank Dario – nome artístico do nosso colega – que nos fala de uma menina simples deixando Recife em direção ao sul do país, em busca de vida melhor. Em meados dos anos sessenta, Franklin muda-se para Israel e durante algum tempo mora em um kibutz.

Alguns anos depois, volta para São Paulo casado com Nescha Goldfein, junto com quem teve sua filha Juliana. Em São Paulo, cursou História na USP e Psicologia na PUCSP. Como costumava dizer entre amigos, sua chegada à Psicanálise e à Psicologia foi intermediada por Herbert Marcuse, de quem leu, no curso de História, *Eros e Civilização*. Em 1980, de sua união com Regina Fabbrini, nasce Bruno. Franklin deixa Rosa Glacy como viúva.

Franklin estabeleceu-se em São Paulo e no ano de 1984, começou a dar aulas no curso de Psicologia da PUCSP. E desde então passou a se dedicar de forma exemplar à nossa Faculdade e à Universidade. À universidade, certa vez, presenteou um lote constituído por algumas dezenas de árvores de diferentes portes que foi comprar no CEAGESP. Insistia que a PUC precisava de árvores que “dessem flores”. Todas foram plantadas e a maior parte delas vingou, e convivem conosco na calçada da Monte Alegre ou em nossas pequenas áreas verdes internas. Exemplos dessa dedicação, também encontramos em seus livros e nas muitas ocasiões em que foi professor homenageado, paraninfo e patrono de turmas de psicologia que se formavam.

Como professor será lembrado por vários de seus cursos. Em uma dessas lembranças, um ex-aluno recordou um curso eletivo no segundo semestre de 1991, Édipo, um debate entre a Psicanálise e a Fenomenologia *Existencial*, ministrado, em conjunto, pelos professores Franklin e João Augusto Pompéia. Essas aulas, aplaudidas pelos alunos, eram marcadas

pela cultura e criatividade dos dois docentes, que demonstravam elegância e sabedoria, até mesmo em suas discordâncias, sempre de modo bem humorado e gentil.

Durante sua vida acadêmica procurou contribuir para que a Psicologia pudesse apresentar-se como uma disciplina autônoma, sem, contudo, fechar-se ao diálogo interdisciplinar. Sua grande cultura, seu conhecimento das fronteiras litigiosas da Psicologia – seja com a Biologia ou com a Sociologia, Antropologia – irão fazer falta grande em nossa faculdade. Foi na interdisciplinariedade que realizou sua dissertação de mestrado dialogando com Claude Levi Strauss e a tese de doutorado no departamento de Linguística. Estes trabalhos foram defendidos na PUCSP, respectivamente, em 1990 e 1997. E assim na vida acadêmica chegou a professor titular do departamento de psicodinâmica. Além da docência, Franklin mantinha atividade clínica como psicanalista atendendo os pacientes que o procuravam.

Parece-nos importante destacar algumas realizações de sua vida, muitas vezes escondidas em seu modo simples e despojado, característico de homem generoso, entregue a um cotidiano urbano.

Sua obra escrita é significativa e original. Destacamos aqui: *O Complexo de Édipo* (1989); *Mito e Fantasia* (1995); *A metáfora opaca* (2004); *O anti-sionismo* (2008); *Futebol: arte ou guerra* (2008); *Freud, Marlowe e Cia* (2008); *Trauma, Amor, Fantasia* (2008).

Franklin gostava de música, apreciando desde o jazz e música popular até música clássica. Também tinha uma paixão pelo Futebol. Em seu livro *Futebol: Arte ou Guerra*, defende o futebol-arte e a necessidade de craques que driblam e fazem do futebol a arte através da habilidade do corpo e dos pés. Inevitavelmente, por isso, exaltou Pelé e Garrincha, entre outros jogadores do Brasil. Propunha a evolução das regras do jogo de forma a viabilizar o drible, a tabela, o lançamento, o jogo fluente. Em seu velório, uma pequena flâmula do San Lorenzo contemplou sua admiração por seu time e seu apreço pelo mundo portenho.

Professor Franklin tem, em seu espólio, uma respeitável coleção de times de futebol de botão, com botões de tampinha de relógio coloridas com cores dos uniformes dos times, números da camisa de inesquecíveis jogadores e escudos dos esquadrões do esporte mais popular do mundo.

Franklin não gostava de automóveis. Procurou sempre morar próximo ao trabalho e tinha um verdadeiro apreço por uma vida simples. Quem teve a possibilidade de conviver como amigo de Franklin, ou como aluno, pôde conhecer sua enorme generosidade no convívio e vida cotidiana.

Era amante das frutas e verduras que adquiria na feira da Rua Ministro Godoy, e muitas vezes as comprava para dar aos amigos. Muitas vezes curtimos as padarias do bairro, tomando demorados cafés com suco de laranja e pães com manteiga, discutindo a situação internacional, conflitos e questões.

Polemista, gostava de sustentar seus pontos de vista e nunca se furtou a defender suas teses, buscando ressaltar a posição de Israel como única democracia do Oriente Médio. Lembramo-nos de suas acaloradas discussões com defensores da causa palestina, em nossa universidade. Sempre foi por eles respeitado e com eles respeitoso.

Enfim, Franklin não será esquecido! Sua vida foi plena por sua original obra, pela amizade, pela generosa presença e pela criativa e humorada participação no cotidiano dos que com ele conviveram. A ele, nossa lembrança eterna e profundo agradecimento.